**Capítulos 2, 3, 6, 7 do livro de Daniel**

O redator coloca os fatos que narra no período persa e no período helenístico em forma de um futuro em relação a um passado distante. Trata-se do que chamamos de profecia *ex-eventum ou vaticinium ex evento,* uma característica do gênero apocalíptico em geral. Trata-se de um termo técnico, teológico e historiográfico. Ele refere-se à inserção de uma profecia num texto depois do autor teve conhecimento do evento. A profecia, assim utilizada em um texto apocalíptico como em Daniel, é introduzida na ordem cronológica do texto antes da ocorrência do evento.

Citemos como exemplo Daniel 3, 1-97, a recusa dos amigos de Daniel (Sirac, Misac e Abdenago) em servir aos deuses de Nabucodonosor e em adorar a estátua de ouro erigida por ele. Foram condenados à morte na fornalha ardente. Na verdade, o autor de Daniel está fazendo uma crítica ao *modus vivendi* da nova cultura, a helênica, que agora está sendo imposta aos judeus, cerca de 400 anos após os acontecimentos na corte da Babilônia. Os judeus aqui são conclamados a resistir contra a idolatria helênica e não se dobrar diante do ídolo pagão colocado pelo imperador Antíoco IV Epífanes (175 a 164 a.C ) no Templo de Jerusalém, ainda que a morte pelo fogo fosse o castigo para tal desobediência. O autor de 2 Macabeus e Flávio Josefo confirmam esses mesmos acontecimentos.

A repetição de determinados grupos de palavras, tais como os nomes de instrumentos musicais (vv 5,7,10,15), dos títulos oficiais de governo (vv2-3, 94) e de nações e de povos de todas as línguas (vv 4, 7, 96) seria um artifício literário que atesta a datação do relato no período anterior ao período helenista, tipicamente um despiste. Apesar disso, o texto tornou-se um elemento importante de enfrentamento ideológico judaico contra os desmandos do imperador Antíoco IV Epífanes.

Outro exemplo na mesma linha de argumentação foi a condenação de Daniel à cova dos leões por desobedecer ao Interdito dos magistrados da Babilônia impondo orações somente para o rei dentro de um espaço de trinta dias. Essa história é narrada em 6, 2-9. Como em todas as lendas de fidelidade a Javé sob ameaça, o personagem se recusa a abandonar suas convicções de fé, ainda que esta postura o coloque em perigo. As evidências históricas apontam para o fato de que o texto de Daniel não propõe uma sequência história lógica, o texto tem, antes, um propósito a ser cumprido, e serve para ensinamento para o tempo no qual foi escrito e em que viviam os seus leitores.

Os capítulos 1-6 de Daniel se referem a um material de um período anterior a 167 a.C. (pré-macabeu), muito provavelmente escrito durante o período persa de algum lugar da diáspora judaica. Este material é formado de narrativas didáticas de sabedoria, as chamadas “histórias da corte” que mostram um Daniel sábio e justo na corte da Babilônia. Para Collins, as histórias dos capítulos 1-6 não são mais antigas que o período helenístico e as revelações dos capítulos 7 a 12 foram escritas no período macabaico, quando o rei sírio Antíoco Epífanes estava perseguindo os judeus. O trecho de 1,1-24a foi escrito em hebraico e o de 2,4b-7,28 em aramaico. O capítulo 7 não faz parte do conjunto de 1-6, antes aponta para 8-12, pois está na 1ª pessoa como os capítulos posteriores. O 7 tornou-se um capítulo que faz a ponte entre as duas partes, criando assim a ideia de uma obra única. Esse capítulo pode ter sido composto no século 3 a.C.

São aqui narrados fatos da corte babilônica de 400 anos antes, mas na verdade seu redator já está vivendo séculos depois dos fatos, no período que se seguiu à derrocada da Babilônia, ou seja, no período do Império Persa. Ele usa da ficção para falar de modo cifrado de situações perigosas e de projetos ousados que poderiam facilmente acarretar ameaças para ele próprio e para seus leitores.

Exatamente por isso que encontramos muitos elementos da cultura persa que foram utilizados na redação desses capítulos. Citemos apenas três exemplos retirados dos capítulos propostos para a leitura nesse fórum. Em 2, 4b e em outros trechos encontramos a saudação “Ó rei, vive para sempre!” Trata-se de uma fórmula de saudação ao rei, frequente nos textos acádicos e que foi mantida na corte da Pérsia até a época islâmica. Em 2, 18a, o termo persa *raz*, que quer dizer mistério. Trata-se de uma palavra de origem persa, encontrada na Bíblia somente em Daniel, mas encontrada em textos exatracanônicos de Qunram. Designa antes de tudo o segredo, o enigma, mas parece já antecipar o sentido do grego *mysterion* empregado por Paulo em Rm 16,25ss. Em 6, 2, há uma referência às autoridades do Império Persa, entre elas os sátrapas. Ora, sabemos que as satrapias foram divisões administrativas (=províncias) criadas por Ciro para governar o vasto império conquistado. Os três exemplos citados pertencem a trechos de Daniel escritos em aramaico que a língua oficial do Império Persa.

Quando nos voltamos para a segunda metade do livro de Daniel, a das visões a partir do capítulo 7, entramos em uma atmosfera bem diferente. Mas, com certeza, há continuidade, Esses capítulos também estão preocupados com o controle de Deus sobre o destino de todos os povos. Sua soberania não é publicamente evidente; é vista através de revelações especiais pelos sábios e através de atos excepcionais de livramento, como os de Daniel. Esses temas repassam todo o livro. Mesmo esses temas, no entanto, adquirem nova coloração, em vista da perseguição. Os reinos gentios não eram vistos como potenciais servos de Deus. Em vez disso, eles eram monstros rebeldes que só podiam ser destruídos. A aspiração dos judeus fieis não era mais chegar a uma posição alta na corte gentílica, mas brilhar como as hostes do céu no pós-vida.

Referências

ANDRADE, Almir Lima. “Apresentação dos contos de corte no livro de Daniel: análise de sua estrutura”. In: Oracula, v.9, n.14, p. 46-63, 2013. Acesso por: <https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/oracula/article/view/5771/4654>.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008.

COLLINS, John J. A imaginação apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica. São Paulo: Paulus, 2010.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de S. Religião de Visionários. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SOARES, Dionísio Oliveira. “As influências persas no chamado judaísmo pós-exílico”. In: Revista Theos. 6ª ed. v.5, n. 2, p. 1-24, dez. de 2009. Acesso por: <http://www.revistatheos.com.br/Artigos/Artigo_06_2_02.pdf>.